

Editora Zain

O corpo sabe que é memória

Rafael Niepce

POSFÁCIO

Marcela Dantés

zain

© Rafael Niepce, 2026

© Editora Zain, 2026

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DE CAPA

Filipa Damião Pinto

PROJETO DE MIOLO

Julio Abreu

DIAGRAMAÇÃO

Osmane Garcia Filho

PREPARAÇÃO

Jane Pessoa (Forno Editorial)

REVISÃO

Huendel Viana (Forno Editorial)

Marina Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Niepce, Rafael

O corpo sabe que é memória / Rafael Niepce. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

ISBN 978-65-85603-41-6

1. Romance brasileiro I. Título.

26-395183.2

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira B869.3

Livia Dias Vaz – Bibliotecária – CRB-8/9638

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

Para Daniela, Arthur e Clara

O corpo sabe que é memória

*Um signo somos, sem sentido,
sem dor estamos e quase
perdemos, em terra estrangeira, a fala.*

Friedrich Hölderlin, “Mnemosyne”

Prólogo

TEATRO MUNICIPAL DE BARRA BONITA

Temporada Lírica de 1950

ORFEU E EURÍDICE

Ópera em três atos

Música de Christoph Willibald Gluck (1714-87)

Libreto de Ranieri de' Calzabigi

ELENCO PRINCIPAL

Orfeu Magdalena Lébeis (mezzo-soprano)

Eurídice Carmen Silva (soprano)

Amore Yolanda Pereira (soprano)

Companhia Lírica Itinerante de São Paulo

Maestro: Eleazar de Carvalho

Orquestra de Câmara de São Paulo

Coro da Sociedade Musical Santa Cecília

SINOPSE

Ato I — O bosque solitário

Na solidão de uma floresta sagrada, junto ao túmulo de Eurídice, o jovem Orfeu lamenta a morte de sua amada esposa, picada por uma serpente. Ninfas e pastores partem após as cerimônias fúnebres, deixando-o só com sua dor infinita. Em seu desespero, Orfeu suplica aos deuses que lhe devolvam Eurídice ou que permitam que ele a siga na morte.

Comovido com tamanha devoção, Amore, o deus do amor, desce dos céus com uma proposta divina: Orfeu poderá descer ao reino dos mortos para resgatar a esposa. Mas há uma condição cruel: durante toda a jornada de volta, ele não poderá olhar para Eurídice nem lhe explicar o motivo dessa estranha interdição. Se desobedecer, perderá a amada para sempre.

Ato II — A descida aos infernos

Nas portas do Hades, as Fúrias e os espíritos malévolos barram a passagem de Orfeu. Mas o poder de sua música comove até mesmo os corações mais endurecidos. Suas melodias vencem a resistência dos guardiões infernais. Os espíritos conduzem Eurídice até ele. Sem olhar para ela diretamente, Orfeu lhe toma a mão e inicia a jornada de volta ao mundo dos vivos.

Ato III — O caminho de volta e o destino cumprido

Na escuridão das passagens subterrâneas que conduzem de volta à terra, Eurídice, confusa com a frieza aparente do marido, implora por explicações. Por que ele não olha para ela? Por que não demonstra alegria pelo reencontro? Sua angústia cresce, e ela prefere morrer novamente a viver sem o amor verdadeiro de Orfeu.

Incapaz de suportar o sofrimento da amada, Orfeu quebra a promessa divina e se volta para vê-la. No mesmo instante, Eurídice desfalece e morre pela segunda vez. Sozinho e trans-tornado pela dor, Orfeu entoia o lamento imortal *Che farò senza Euridice?* — O que farei sem Eurídice? O herói músico, derrotado pelo destino, contempla um mundo vazio onde sua arte não mais pode trazer consolação.

Consignando agradecimentos às autoridades municipais, a Companhia Lírica Itinerante de São Paulo tem a honra de apresentar, pela primeira vez nesta próspera cidade, a obra imortal de Gluck, certa de concorrer para a elevação do gosto e o engrandecimento cultural de nossa terra.

Teatro Municipal de Barra Bonita
Setembro de 1950

Luiz

“Estou pensando em fazer um mestrado em São Paulo”, Thaís disse.

Desviei o olhar. Gotas da chuva ainda escorriam pela janela. Lá fora, no ponto de ônibus, um casal de jovens se abraçava. A cabeça dela recostada no ombro dele, imóvel, as formas distorcidas pela água no vidro.

“Você não vai dizer nada?”, Thaís deixou-se cair no assento vermelho.

“Vai ser bom para sua carreira...”

“Não quero saber o que você acha da minha carreira.”

Thaís se inclinou para a frente, tirando a franja do olho com um movimento brusco.

“Não sei o que dizer”, falei, erguendo os ombros, num gesto ridículo.

Olhei para o salão. Para um sábado à tarde, havia poucas pessoas na lanchonete. Estudantes comentavam questões de prova, as mãos cortando o ar.

“Você não está entendendo. Eu vou me mudar daqui. Isso não te afeta em nada?”

Ela estava particularmente bonita com um rabo de cavalo, o pescoço à mostra, os brincos grandes e redondos roçando a gola da blusa — a mesma do dia em que estávamos deitados na

minha cama escutando Pearl Jam (ela havia perguntado se eu temia que o ventilador despencasse, o que me fez rir. *Você fica olhando para ele, esperando um fim.* Sentia seu hálito, sua mão tocando meu rosto. Ela sorriu, divertindo-se com minha confusão. *Esqueça o ventilador, olha para mim.* Sua voz era doce.)

“Luiz!”

“A gente dá um jeito”, respondi, sobressaltado. “Posso te visitar.”

“Como você sempre visita o João, né?”

“O que o João tem a ver com isso?”

Thaís deu um longo suspiro.

“Você não entende nada, Luiz.”

Ela se levantou.

“Aonde você vai?”

“Vou ao banheiro, já volto.”

Pela janela, vi o ônibus chegar e o casal entrar de mãos dadas. A luz no para-brisa dava à cena uma claridade irreal. Pensei que talvez eu não fosse...

“Precisa de algo?”, a garçonete perguntou.

Pedi a conta e ela deu meia-volta.

Thaís voltou do banheiro.

“Olha, Luiz, não queria te machucar.”

“Tudo bem, desculpa...”

“É um momento difícil para mim. Pareço essas mulheres de novela.”

Ela levou as mãos aos olhos.

“Muita coisa está acontecendo comigo”, eu disse, procurando tranquilizá-la. “Mas quero estar mais próximo de você.”

Estiquei a mão sobre a mesa, mas Thaís continuou imóvel. Enquanto a luz da janela abandonava sua face, a garçonete chegou com a conta. Sorri, tentando disfarçar a situação, e paguei.

“Talvez você simplesmente não queira estar próximo de mim”, Thaís disse.

Foi como bater numa parede e sentir uma vibração oca. Eu não soube o que dizer, como não soube quando deixei João em Carlos Chagas. Naquele dia, quando me encontrou no corredor, meu pai também não soube. Só repetiu palavras bíblicas vazias.

Thaís abraçou a bolsa e se levantou. Tentei pegar sua mão, mas ela desviou e a enfiou no bolso.

“Desculpe.”

Ela não respondeu. Seguimos pela Savassi em direção a seu apartamento. Adolescentes andavam de skate, comentando e rindo das manobras. Um grupo de metaleiros compartilhava um fone de ouvido.

“O Alain toca hoje, não é?”, ela perguntou, quebrando o silêncio, os olhos fixos na calçada.

Uma criança se aproximou e me deu a mão, olhou para cima, me viu e se assustou. *Quem não se assustaria?* — a pergunta me subiu pela nuca. O pai gritou o nome dela e desfez o equívoco. Sorri para ele, que respondeu com um aceno de cabeça. Acompanhei a criança com o olhar.

“É. Fête de la Musique”, respondi, grato por qualquer assunto que não fosse o mestrado de Thaís.

“Manda um beijo para ele. Queria ir, mas tenho muita coisa para ler.”

Sua expressão se escondia atrás dos cabelos. Eu apertava o passo para acompanhá-la; havia uma fricção entre nós. Chegamos ao prédio. Thaís parou no portão e se virou para mim, sem dizer nada.

“Vou sempre te visitar”, tentei interromper o silêncio.

Ela encostou no batente e cruzou os braços.

“Eu sei disso.” Baixou o rosto por um instante. “Tchau, Luiz.”

Olhei para o lado, escondendo meus olhos vermelhos. Vi um cachorro vagando pela calçada. Do outro lado da rua, uma mãe lutava para tirar a filha da cadeirinha dentro do carro.

Voltei a olhar para Thaís e vi que seus olhos estavam úmidos. Ela entrou pelo portão, engolida como que por um rio.

* * *

Pus as mãos nos bolsos enquanto subia a avenida em direção à praça da Liberdade. Senti um papel amassado, o frio do metal de uma chave e o tecido áspero do jeans recusando meus dedos calejados. Como doía tocar violão no início. As cordas tensas; meu dedo ardia tentando segurar a pestana, sem força suficiente para pressionar. As notas soavam falsas, abafadas. Aos poucos, eu me acostumava com a dor, e então a música acontecia.

Conheci Thaís numa festa da Faculdade de Psicologia. Fui arrastado por Alain, que insistia que eu precisava conhecer pessoas novas, sair da rotina restaurante-casa-restaurante. O show da banda Pato Fu agitava as pessoas no estacionamento cercado pela mata do campus. Sentei numa mureta de concreto, um pouco afastado do agito, enquanto Alain se misturava facilmente. Foi quando notei uma garota me observando. Ao encontrar meu olhar, ela se aproximou.

“Você não é da psicologia”, ela disse.

“Estou mais para um paciente, né?”

Covinhas brotaram de suas bochechas.

“Larguei agronomia no terceiro período. A vida teve outros planos”, eu disse.

“A vida ou você?” A pergunta me pegou desprevenido. Olhei atentamente para ela: seus olhos eram negros, vivos.

“Acho que decidi fugir.”

“Da vida ou de você?” Ela não conteve o riso. Bebeu do copo que segurava.

“O que está bebendo?”, perguntei.

“Vodca com suco de maracujá. Quer?”

Tomei um gole. O doce do suco escondia o amargor do álcool.

“Sei o que é fugir”, ela retomou. “Fugi dos sonhos do meu pai. Ele queria que eu me tornasse dentista, para assumir o consultório dele.” Ajeitou o colar.

“Sei o que é fugir dos pesadelos do pai”, ri sem querer.

Estendi a mão para beber do copo dela de novo.

“Vou te mostrar o prédio da faculdade.” Ela me puxou pelo braço.

Andamos por corredores longos e escuros enquanto ela me contava sobre seu curso de psicologia. Eu quis saber por que ela tinha escolhido aquele curso. Seguimos até um dos laboratórios de ciências biológicas e ela me mostrou as câmaras frias onde estavam os mortos.

“Na odontologia é só boca aberta, motorzinho e sangue. Ninguém fala.” Ela girou o gelo no copo. “Prefiro o barulho que as pessoas têm na cabeça.”

Thaís tirou a franja do rosto com um movimento delicado.

“E a sua parece fazer bastante barulho”, ela disse.

Ela me encarou, sorrindo. O espaço entre nós diminuía.

Ao longe, a banda não tocava mais, ouvia-se apenas o zumbido das conversas ao redor. Caminhamos pela parte deserta do campus, o vento passando pelas folhas das árvores, que chiavam baixo. Conteí sobre a vida na fazenda, sobre a mudança para Belo Horizonte. Na entrada da Faculdade de Belas-Artes, Thaís parou e segurou minhas mãos.

“Suas mãos são gordinhas.”

“Vai ler o meu destino?”

“Por quê? Tem medo do futuro?”

“Acho que do passado. Já não o apaguei das minhas mãos?”

Acaricieí seu rosto. Queria dizer a ela que não tinha medo do futuro, que não queria mais fugir, mas todas as frases que eu elaborava eram ridículas. Então a beijei.